

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	GO	01	00	08	F60	01
	UF	SÍLIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Pirenópolis
LOCALIDADE	Pirenópolis
MUNICÍPIO / UF	Pirenópolis/GO

1. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Máscaras
OUTRAS DENOMINAÇÕES	
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

2. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	João Luiz Pompeu de Pina	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	
Ocupação	Funcionário Público Estadual aposentado	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO 03/05/1948	
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO		

NOME	Lúcio Flávio Abrantes	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	
------	-----------------------	--	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	GO 01	00 08 F60 01
---	--------------	---------------------

Ocupação	Locutor da Rádio Jornal Meia Ponte.	TA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	07/02/1953
Relação com o Bem	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

NOME	Maria de Lourdes Oliveira Leite	☐ MASCULINO ☒ FEMININO	
Ocupação	Artesã	TA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	NÃO INFORMOU
Relação com o Bem	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

4. FOTOS

Obs.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

GO 01 00 08 F60 01



RESTARQ – 0060 – JGC – F60-01
MÁSCARA NA FORMA – ATELÊ DE JOÃO LUIZ
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ – 0061 – JGC – F60-01
LURDINHA RETIRANDO MÁSCARA DA FORMA
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

GO 01 00 08 F60 01



RESTARQ - 0066 - JGC - F60-01



RESTARQ - 0067 - JGC - F60-01



RESTARQ - 0068 - JGC - F60-01

LURDINHA COM LIVRO ONDE SUAS MÁSCARAS APARECEM
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ - 0069 - JGC - F60-01
MÁSCARA PRODUZIDA POR LURDINHA
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

GO 01 00 08 F60 01

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

As máscaras usadas pelos mascarados em Pirenópolis são produzidas por artesãos locais que fazem desta atividade um ofício que é passado de geração a geração, o que dificulta sua localização temporal. As máscaras são confeccionadas não só no período que antecede a Festa do Divino, mas durante todo o ano, uma vez que são comercializadas nas lojas de artesanato da cidade ou mesmo diretamente na casa do artesão.

O ofício das máscaras exige materiais simples e de fácil aquisição como, por exemplo, papel (de jornais, revistas e outros), grude (cola feita de água e polvilho) e água. Os moldes ou formas das máscaras ditas “tradicionais” podem ter diversos modelos, dos quais se destacam as de *cara de gente* e as de *cara de animais*, dentre outras.

Para se fazer uma máscara é necessária uma forma de cerâmica. Segundo Lurdinha (30/07/08), pode-se encomendá-la a artesãos que trabalham com barro, mas poucos conseguem ou gostam de fazer os “moldes”. Outra alternativa é comprar uma máscara com formato que agrada ao artesão e dela fazer a forma, utilizando massa de cimento, que é mais resistente que o barro. Lurdinha conta que seu primeiro molde foi feito a partir de uma máscara que comprou de Adevaldo de Siqueira (Nenzinho) entre 1973 e 1974. A artesã possui uma forma de máscara de boi e outra de gente. É comum que um artesão reforme ou pinte máscaras que não foram por ele produzidas. É possível fazer adaptações de modelos de máscaras. Lurdinha, por exemplo, que não possui forma de máscara de onça, a produz a partir do molde da máscara de gente: cobre-se o molde com papel molhado em água, repetindo-se mais quatro ou cinco camadas de papel e grude; as alterações podem ser introduzidas a partir da quarta camada de papel (por exemplo, chifres e nariz).

As máscaras utilizadas nas cavalhadas de Corumbá foram realizadas por artesãos que aprenderam o ofício em Pirenópolis. Lucinho recebe encomendas de Corumbá de Goiás, Niquelândia, Jaraguá, São Francisco e Palmeiras de Goiás no Estado de Goiás, e de outras localidades como Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo.

No ofício das máscaras os artesãos dominam todo o processo de produção, da busca da matéria-prima (papéis, grude, tintas e formas) até a comercialização. Os artesãos entrevistados aprenderam a fazer as máscaras ainda na infância, observando outros artesãos – parentes ou não -, motivados pela vontade de participar da festa: *“primeiro arrumava caixinha de papelão de sapato e furava o olho nela e tinha vontade de ter uma máscara; o dia que consegui, fiquei alegre”*, afirma Lucinho, que nessa época tinha 11 anos de idade (Lucinho, 1º/08/08).

Atualmente a arte de fazer máscaras é difundida e ensinada nas escolas em oficinas ministradas pelos artesãos, possibilitando que muitos tenham acesso ao modo de fazer; entretanto, poucos fazem disso um ofício. Lucinho, um dos poucos artesãos que conta com auxiliares durante o período que antecede a festa, quando a produção de máscaras é maior, conta que os aprendizes *“vem, ajuda, aprende e larga de mão, o resto do ano fico sozinho. Durante o ano todo, faço máscara sozinho”* (Lucinho, 1º/08/08, opus cit.).

Tanto Lucinho quanto Lurdinha e João Luiz são mestres reconhecidos no ofício das máscaras, mas nenhum deles vive exclusivamente da produção deste artefato. Lucinho atualmente fornece as máscaras para as Cavalhadas e Cavalhadinhas. Lurdinha é bastante solicitada pelos mascarados e João Luiz, além de vender poucas máscaras por ano, sai de mascarado usando máscara de sua própria criação. Ressalta-se que a comercialização envolve também a produção das máscaras em tamanho menor, que ocupam a produção no decorrer do ano visando o consumo para decoração.

Fontes:

Entrevista concedida por Lúcio Flávio Abrantes em 1º de agosto de 2008.

Entrevista concedida por Maria de Lourdes Oliveira Leite em 30 de julho de 2008.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	GO 01	00 08 F60 01
---	--------------	---------------------

Os artesãos utilizam alguns espaços da casa onde moram que, segundo Lucinho, “*é uma bagunça*” (1º/08/08), principalmente a área próxima ao pátio externo onde são colocadas as máscaras ainda nos moldes para secar.

Não há uma preparação do espaço e tudo vai se acumulando ali: os papéis, as formas, as tintas e as vasilhas com água e com o grude. A atividade exige que haja espaço para se colocar uma mesa ou outro objeto alto sobre o qual o artesão possa desenvolver a confecção das máscaras. Precisa ser ventilado para que sequem as camadas molhadas pelo grude e, posteriormente, a tinta aplicada sobre a máscara já seca, depois de retirada da forma de cimento ou de barro. Algumas máscaras, que são encomendas, são escondidas em outras dependências da casa para evitar o interesse de outro comprador ou mesmo para guardar sigilo sobre o usuário.

Fonte:

Entrevista concedida por Lúcio Flávio Abrantes em 1º de agosto de 2008.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Não há.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Geralmente, os artesãos utilizam como local de trabalho a própria residência, onde confeccionam as máscaras. Na casa pode ser disponibilizado um cômodo, mas utilizam sempre espaços da área e/ou quintal para a secagem das máscaras e para armazenar todo o material a ser utilizado, como papel, água, grude (cola feita da mistura de polvilho e água), tesoura, facas, chifres de boi, tintas, pincéis (várias espessuras), canetas, velas.

7. TEMPO

7.1. PERIODICIDADE

Produzem-se máscaras antes, durante e depois da Festa do Divino. Não é só no período da Festa que se vende muito; a melhor época para vender é outubro, novembro e dezembro, devido à maior presença de turistas, que compram máscaras grandes, médias e pequenas para decoração. No período de chuvas, é mais difícil a produção de máscaras porque o papel não fica liso por falta de sol e a pintura, segundo Lurdinha, “*fica caroquenta por não secar direito; quando é época de chuva parece que o papel não seca direito e secando a primeira camada fica tudo beleza*” (30/07/08).

Fonte:

Entrevista concedida por Maria de Lourdes Oliveira Leite em 30 de julho de 2008.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1997

1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐	X ☐

8. BIOGRAFIA

Lurdinha (Maria de Lourdes Oliveira Leite), nascida em Pirenópolis, conta que aprendeu a fazer máscaras junto com dois irmãos e dois amigos quando todos ainda eram crianças, *“meninadinha”*, entre oito e dez anos de idade. Pegaram uma máscara com Nenzinho e dela fizeram uma forma e começaram a produzir máscaras para sair de mascarado: *“não era para vender, mas aí começou a vir gente querendo, daí a gente vendia. Mas da turma toda só eu continuei”* (30/07/08). Conta que, quando criança, a turma andava de bicicleta pela Vila, local onde Nenzinho morava e viam-no fazendo as máscaras; aprenderam na prática, sendo que as primeiras saíram enrugadas; só sabiam das etapas do processo de confecção e não conheciam as técnicas e nem possuíam os instrumentos necessários, pegando emprestados os moldes de chifres.

Começaram a atividade na mesma casa em que ainda mora Lurdinha, na Rua 24 de outubro. Lurdinha conta que, no período em que morou em Goiânia, não deixou de fazer máscaras: fazia-as em Goiânia e as trazia para Pirenópolis. Na época em que morou em Anápolis, procedia da mesma maneira; porém, era mais fácil porque muitos amigos acabavam trazendo as máscaras para ela. Ensinou alguns parentes que faziam máscaras para sair de mascarados; entretanto, nenhum deles continuou a fazê-las para comercialização. Sobre a procura de pessoas querendo aprender o ofício, Lurdinha diz que *“de vez em quando, aparece um querendo aprender, aí a gente pega e ensina pronto!”* Lurdinha nunca saiu de mascarado, mas seu filho saiu um ano com uma máscara feita por ele mesmo; logo em seguida, reformou a máscara e acabou por vendê-la. Lurdinha faz ainda máscaras para ornamentação, pequenas (em durepox) e médias (em papel). Faz também máscaras para tampas de caneta e lápis. Sua filha faz máscaras em durepox para ímãs de geladeira, mas não gosta e não sabe fazer máscaras de papel. Além das máscaras, Lurdinha confeccionava tapetes com retalhos e almofadas, mas conta que agora só quer trabalhar com papel. A artesã faz flores de papel somente para parentes ou para enfeitar as máscaras que expõe e vende em seu comércio, onde também vende empadão. Conta que nunca viu outros artesãos de sua geração fazendo máscaras como Lucinho, Jânio e Esmeralda. Fazer máscaras é para Lurdinha uma terapia. A renda não é muita, uma vez que o gasto com tinta não é pequeno, mas contribui na renda. Lurdinha faz parte de um rol de artistas que participam da publicação “Em nome do autor: artistas artesãos do Brasil”, publicado em 2008. Dentre as seis páginas destinadas a Pirenópolis (p. 263-268) ela e as máscaras que produz ocupam duas, onde a artesã conta um pouco de sua história e sobre como as produz.

Lúcio Flávio Abrantes, conhecido por Lucinho, nasceu em Pirenópolis em 1953. Trabalha sozinho, porém contrata um ajudante na época das festas. Diz que aprendeu a fazer máscaras desde criança, com os irmãos Tião e Carlinhos: Faziam as máscaras para brincar e sair de mascarado e assim foram aprendendo. Afirma ainda que nunca viu ninguém fazendo máscaras, além de seus irmãos. As máscaras que conheceu durante a infância eram confeccionadas por Nenzinho, Guiomar e Mazilo – antigos e tradicionais artesãos de máscaras, bastante conhecidos. Lucinho costuma ensinar sua arte e já ensinou em Associações ligadas à educação e em escolas estaduais e municipais, pois, segundo o artesão *“não tem segredo, o que não pode é acabar a arte, todo mundo aprendendo é bom”*. Dos alunos que teve, somente Jânio (de Pirenópolis) e Luiz (de Corumbá) se interessaram em *continuar fazendo as máscaras*. A Piretur, desde que foi criada (em 1978), vende as máscaras feitas por Lucinho. Para ele, *“o ofício é divertido, ocupa o tempo e ganha um dinheiro, é um meio de vida”* (Lucinho, 1º/08/2008, opus cit.). Fala com emoção da sua primeira forma de cimento, com cara de gente, confeccionada pelo pai dois anos antes de sua morte. Lucinho a guarda com o maior cuidado e procura não emprestá-la.

João Luiz Pompeu de Pina, conhecido por João Frates, nasceu em Pirenópolis em 3 de maio de 1948. Foi cavaleiro cristão na década de 1960, passando a cavaleiro e depois a embaixador mouro nas Cavalhadas, nelas atuando por 26 anos. Foi também personagem em várias peças teatrais incluindo “As Pastorinhas”. Viveu, ainda, a experiência de sair de mascarado usando as máscaras por ele confeccionadas. Atualmente é coordenador das Cavalhadinhas realizadas na Vila Matutina. Aprendeu a fazer máscaras com o vizinho, Nenzinho, tradicional no ofício, produzindo máscaras para as Cavalhadas. João conta que ele e o filho do Nenzinho começaram a fazer máscaras em uma forma quebrada, no quintal da casa. As primeiras saíram tortas, enrugadas, mal pintadas, mas *“bem original”*, como afirma. Depois disso, a partir do início da década de 1960, nunca mais parou de fazer máscaras. João Luiz as faz por prazer, e não por negócio. A forma que possui tem mais de trinta anos e foi confeccionada por “de Lourdes” uma artesã de cerâmica ainda viva, mas que não pratica mais o ofício. Além das máscaras, o artesão já produziu também adereços para teatro: capacetes romanos, chifre para o capeta das Pastorinhas e máscaras para carnaval. Chegou a participar de algumas exposições e feiras fora do Estado de Goiás, como a Feira da Providência no Rio de Janeiro.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

GO 01 00 08 F60 01

Todo processo de produção das máscaras é de total domínio do artesão. João Luiz comenta que já deu oficinas em escolas municipais, sendo que, em uma delas, participa há quatro anos de um projeto ligado à Festa do Divino.

Costuma emprestar formas de máscaras para as escolas e, em casa, ensina amigos e parentes. Não possui um ponto de vendas da sua produção, mas, recentemente, tem colocado algumas máscaras – de tamanhos variados – à venda na Piretur. Com exceção de Lurdinha, os demais artesãos entrevistados aprenderam o ofício para produzir máscaras devido à vontade de viver a experiência de ser mascarado. Apesar de completar a renda familiar, o prazer de fazer máscaras é um forte argumento de todos os entrevistados. Pelo fato de ser um ofício bastante difundido nas escolas e no ambiente familiar, muitas crianças e jovens sabem o ofício, mas não o praticam.

Fontes:

Entrevista concedida por João Luiz Pompeu de Pina em 13 de agosto de 2008.

Entrevista concedida por Lúcio Flávio Abrantes em 01 de agosto de 2008.

Entrevista concedida por Maria de Lourdes Oliveira Leite em 30 de julho de 2008.

LIMA, Beth, LIMA, Valfrido. Em nome do autor: artistas artesãos do Brasil. São Paulo: Proposta Editorial, 2008. 456p.

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

Lurdinha conta que tem registro fotográfico das máscaras desde que começou a produzi-las. Conta que, ainda pequena, via os mascarados e ficava encantada com aquelas máscaras, pois *“de primeiro não tinha máscara de borracha, de uns tempos pra cá é que surgiram estas mascraia de borracha”* (30/07/08). Das pessoas que faziam máscaras, Lurdinha se lembra de Nenzinho e de Bastião Paca que saía de onça nas Cavalhadas e fazia sua própria máscara.

João Luiz, por sua vez, relata que fez uma máscara de macaco com capacete inspirado no filme “Planeta dos Macacos” e ficou até legal. Mas *“a máscara de capeta é uma marca, hoje eles chamam de unicórnio, mas não é! O capeta não é com um único chifre, tem de dois e até de três chifres, eu já vi. É por que é uma coisa também, o capeta tem na Pastorinha e o capeta é do mal, o outro é do bem, tem essas coisas. Então existe como uma forte marca, o capetinha”*.

Sobre a técnica de pintura, explica que em algumas máscaras usa pouca tinta, em outras usa papel de presente colorido e vai inventando as caras que partem de uma forma só, assim saem caras de faraó, capeta, Abraham Lincoln, dentre outras personalidades. Salienta que ao usar papel de presentes ou papéis da mesma cor, suprime a necessidade de utilizar tinta na confecção das máscaras; dá mais trabalho para recortar os papéis, mas é possível. Algumas levam tinta apenas nos detalhes como bigode e cabelo, mas os papéis coloridos é que predominam. Usa menos tinta por causa de problemas ligados à intoxicação para quem vai usá-las no rosto. Quando perguntado sobre a importância da máscara de boi, João Luiz fala que ela não lhe dá condições de usar a criatividade, *“a única coisa que eu posso fazer numa máscara de boi é entortar o chifre ou mudar a pinta e eu tenho mania de querer fazer igual ou parecendo com vaca mesmo, é um defeito que eu tenho”* (João Luiz, 13/08/08).

O modo de fazer máscara é o mesmo, a diferença está na criatividade do artista/artesão. Nenzinho, por exemplo, fazia sempre a máscara de gente com a cara cor de rosa, cabelo preto, boca vermelha, mas com uma expressão que até hoje ninguém faz. Esta era no passado a máscara padrão, o que mudava era a presença ou ausência de bigode, os olhos tortos, mas a cara era sempre uma só.

Fontes:

Entrevista concedida por João Luiz Pompeu de Pina em 13 de agosto de 2008.

Entrevista concedida por Maria de Lourdes Oliveira Leite em 30 de julho de 2008.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**GO 01 00 08 F60 01**

As máscaras apresentam questões sociais e políticas da atualidade, chamando a atenção para os aspectos locais e globais, influenciando e ou representando a opinião pública do momento. Por exemplo, a artesã Lurdinha, em entrevista dada à equipe, conta que, na época do filme “O Planeta dos Macacos” (em torno de 1968), *“todo mundo gostava e pedia máscara de macaco, mas agora sumiu, ninguém mais pede máscara de macaco”*. (30/07/08).

A máscara, associada ao rígido anonimato de seu portador, possibilita a sua livre expressão, sendo sinônimo de alegria e irreverência ao permitir livres posturas individuais e, ao mesmo tempo, indicar posições políticas e ideológicas. É comum encontrar pelo Campo das Cavalhadas personagens como o presidente Lula, Bush ou Bin Laden. A máscara faz parte da *performance* dos mascarados e possibilita que estes carreguem cartazes ou faixas nestes momentos de transgressão permitida.

Todos os artesãos entrevistados associaram o aprendizado do ofício à vontade de viver, ainda na infância, a experiência de ser mascarado.

Mesmo quando a atividade se configura como fonte de renda, os artesãos entrevistados colocaram em primeiro plano o prazer de produzir as máscaras.

Em registros orais (e alguns fotográficos), observa-se que, tradicionalmente, a máscara de onça era a mais usada. A máscara de boi foi alçada nas últimas décadas como um dos ícones da Festa do Divino em Pirenópolis e também como símbolo de identidade da cultura goiana, através da representação e identificação da sociedade local e regional com as atividades ligadas à ruralidade.

Fonte:

Entrevista concedida por Maria de Lourdes Oliveira Leite em 30 de julho de 2008.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
	Não há

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

Além das máscaras em tamanho natural, feitas os mascarados ou para ornamentação, existem formas para a confecção de máscaras pequenas, que medem aproximadamente de quinze a vinte centímetros. Estas máscaras são muito comercializadas para ornamentação. Estas formas são de barro e possuem vários modelos. Outros produtos desenvolvidos são as máscaras em durepox e as miniaturas que possibilitam enfeites como ímãs para geladeira e pontas para lápis ou canetas.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Confecção	A atividade tem início com o corte do papel que é picado com as mãos em pedaços bem pequenos, embebidos em água para fazer a primeira camada. O grude, que é uma cola feita pela mistura de água e polvilho dissolvidos no fogo, é feito pelo artesão e utilizada em pelo menos quatro camadas de papel. A primeira camada é composta de água e papel sobre o molde e as outras, de papel e grude. A partir disso é que o artesão vai criando: coloca os chifres, inventa um cabelo, aumenta o nariz, coloca óculos etc., podendo fazer menção a personagens que estão na mídia no momento.
Secagem	Após o término das camadas, a forma é levada ao sol por 24 horas, para que seque e saia do molde.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	GO 01	00 08 F60 01
---	--------------	---------------------

Pintura	Depois de secas, as máscaras são retiradas das formas com auxílio de faca, tesoura ou segueta e passam a ser pintadas. As cores básicas utilizadas são: branco, vermelho, preto, amarelo, azul; as demais cores são provenientes de misturas. São pintados olhos, boca e alguns poucos detalhes. É comum que antes da aplicação da tinta se risque alguns elementos indicativos ou desenhos diferentes como os olhos, por exemplo.
Acabamento	As orelhas das máscaras de onça e de boi são colocadas depois de realizada a pintura, com cortes e encaixes. Outro item importante é a perfuração na parte posterior da máscara para inserir o cordão que propiciará ajuste da máscara ao rosto do usuário.
Comercialização	A comercialização ocorre de diversas maneiras. A máscara pode ser encomendada anteriormente com detalhes de modelo e cores, muita das quais são feitas em segredo. Outra possibilidade é a de que o artesão faça as máscaras e as venda em casa. Uma terceira opção é quando o artesão encaminha as máscaras para lojas de artesanato.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
Artesão	Produção de máscaras, participando de todas as etapas do processo.
Auxiliar	Colabora em algumas etapas pré-determinadas pelo mestre artesão, que supervisiona todo o processo. Nem todos os artesãos contam com apoio de auxiliares.
Aprendiz	Auxilia quando solicitado. A intenção é aprender através da observação; uns fazem uma ou duas máscaras e se dão por satisfeitos. A maioria dos aprendizes não se dedica à atividade posteriormente.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Compra de tintas
QUEM PROVÊ	O artesão
FUNÇÃO	Pintura das máscaras. Em casos específicos, usam cores não muito convencionais, a pedido dos compradores por ocasião da encomenda. Geralmente usam cores o branco, o amarelo, o vermelho e o preto.

DESCRIÇÃO	Diversos tipos de papéis
QUEM PROVÊ	Amigos, parentes, estabelecimentos comerciais (jornais velhos, papéis de bobinas, boletos lotéricos etc.).
FUNÇÃO	Matéria-prima básica para a confecção de máscaras.

DESCRIÇÃO	Papel pardo
QUEM PROVÊ	O artesão compra em quilo na cidade de Anápolis ou em folhas, nas papelarias de Pirenópolis. Prefere trabalhar com o papel mais escuro
FUNÇÃO	Confecção da última camada de papel das máscaras, pois consome menos tinta que o jornal.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Molde para as máscaras grandes e médias – em cimento ou barro.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	GO 01	00 08 F60 01
---	--------------	---------------------

QUEM PROVÊ	O artesão ceramista
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Dar forma às máscaras
DISPONIBILIDADE	Os moldes são feitos sob encomenda. Não estão disponíveis no mercado.

DESCRIÇÃO	Papel
QUEM PROVÊ	Doações ou compra pelos artesãos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Matéria-prima básica para a produção de máscaras.
DISPONIBILIDADE	Fácil aquisição em bancas de jornal, farmácias, casas lotéricas e outros estabelecimentos.

DESCRIÇÃO	Polvilho
QUEM PROVÊ	Os artesãos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Misturar o polvilho à água para formar o grude – uma espécie de cola muito utilizada na cidade e durante a Festa para pregar as bandeirolas, engomar roupas e adereços de vários participantes, como as Pastorinhas e os Cavaleiros.
DISPONIBILIDADE	Produto disponível nos mercados da cidade.

DESCRIÇÃO	Tinta branca à base de água
QUEM PROVÊ	Os artesãos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Utilizada na primeira camada para neutralizar a cor do papel e facilitar a demão seguinte com as cores da máscara.
DISPONIBILIDADE	Lojas de materiais de construção existentes na cidade.

DESCRIÇÃO	Tinta a óleo
QUEM PROVÊ	Os artesãos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Pintar as máscaras. Os artesãos trabalham basicamente a partir de quatro cores: branco, amarelo, vermelho e preto, com as quais faz outras cores.
DISPONIBILIDADE	Compra os produtos em Pirenópolis ou em Anápolis.

DESCRIÇÃO	Pincéis
QUEM PROVÊ	Os artesãos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Realizar a pintura das máscaras. Utilizam pincéis mais grossos para a pintura geral e outros mais finos para os detalhes (não há preferência de numeração). Se gasta muitos pincéis na atividade, pois os mesmos são danificados rapidamente.
DISPONIBILIDADE	Os pincéis são encontrados no comércio de Pirenópolis com facilidade.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	GO 01	00 08 F60 01
---	--------------	---------------------

DESCRIÇÃO	Solvente
QUEM PROVÊ	Os artesãos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Limpar os pincéis durante a e após a pintura das máscaras. Elaborar novas cores diluindo a tinta com solvente.
DISPONIBILIDADE	Lojas de materiais para construção existentes na cidade.

DESCRIÇÃO	Potes plásticos pequenos
QUEM PROVÊ	Os artesãos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Recipiente disponível para molhar os papéis para a confecção das primeiras camadas da máscara. Outros potes plásticos são utilizados para misturar as tintas e se obter as cores desejadas. Em um pote plástico, é colocado solvente para limpar os pincéis.
DISPONIBILIDADE	Às vezes são reutilizados potes plásticos de alguns produtos do uso cotidiano da casa.

DESCRIÇÃO	Toalha
QUEM PROVÊ	Os artesãos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Limpar os pincéis tanto das tintas quanto do solvente. É utilizada também para secar as mãos após a aplicação das camadas de papel molhado e iniciar a aplicação de papel com grude. Secar as mãos após as etapas de confecção das máscaras.
DISPONIBILIDADE	Toalhas velhas disponíveis na casa ou compra de toalhas nas lojas de cama, mesa e banho da cidade.

DESCRIÇÃO	Faca, cegueta ou estilete.
QUEM PROVÊ	Os artesãos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Servem para cortar pedaço da parte posterior da máscara para que esta seja retirada da forma, assim como para fazer os orifícios dos olhos, boca e cordão de ajuste da máscara ao rosto do usuário.
DISPONIBILIDADE	Disponíveis nas casas dos artesãos ou no comércio da cidade

DESCRIÇÃO	Suportes – feitos com cabos de vassouras e arames.
QUEM PROVÊ	Os artesãos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Possibilitar que as máscaras sequem ao sol ocupando o menor espaço possível. Outras funções são a secagem da pintura à sombra e a disposição das máscaras para comercialização.
DISPONIBILIDADE	São produzidos pelos artesãos com cabos de vassouras disponíveis em casa.

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Leite, limão com água e laranja.
QUEM PROVÊ	Os artesãos

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	GO 01	00 08 F60 01
---	--------------	---------------------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	É necessária a ingestão destes líquidos para neutralizar o efeito tóxico das tintas.
---------------------------------	--

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.8. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Roupas velhas e eventualmente um avental
QUEM PROVÊ	Os artesãos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não danificar as roupas e evitar que as tintas não respinguem nas vestimentas.

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**GO 01 00 08 F60 01****10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS**

DESCRIÇÃO	Não se aplica.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Artesão	Após o término da confecção das máscaras, no final do dia, há uma tímida limpeza do local: os papéis que sobram são guardados, retira-se o lixo e as tintas são tampadas. O local, entretanto, tem sempre a aparência desorganizada. Por exemplo, João Luiz afirma que, por não ter um local próprio para a atividade, <i>“tem que dar uma geral porque está misturado com as coisas de casa”</i> (13/08/08). Em seguida à retirada das máscaras dos moldes estes são usados para confecção de outra máscara. As que estão prontas são pintadas. Após o processo de pintura, os pincéis são limpos lavados e guardados, as tintas são tampadas e acondicionadas em lugar específico. Quando a pintura das máscaras está seca, perfuram-se orifícios para a implantação das orelhas. Na parte posterior são feitos furos por onde são passados cordões para ajustar a máscara à cabeça do comprador. Ao ficar pronta, a máscara é colocada em exposição para comercialização, caso não tenha sido encomendada. A exposição normalmente acontece na casa do artesão e na Piretur. Conta-nos Lurdinha, que tem um estabelecimento comercial próprio, que possui alguns mecanismos para evitar que todos experimentem as máscaras: <i>“coloco as máscaras no alto ou escrevo em um papel: tinta fresca!”</i> (Lurdinha, 30/07/08). Fontes: Entrevista concedida por João Luiz Pompeu de Pina em 13 de agosto de 2008. Entrevista concedida por Maria de Lourdes Oliveira Leite em 30 de julho de 2008.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐ VENDE ☒ TROCA ☐ OUTRO ☐ ESPECIFICAR	
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☒ NÃO ☐ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐ COMPLEMENTO ☒
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☒ INTERMEDIÁRIO ☐ COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Não se aplica

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**GO 01 00 08 F60 01****13. BENS ASSOCIADOS**

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Mascarados	GO-01-00-08-F40-03
Cavalhadas	GO-01-00-08-F40-02
Cavalhadinhas	GO-01-00-08-F20-04
Artes do Divino	GO-01-00-08-F01-A3

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não se aplica

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**AGEPEL. *Goiás*: 1722-2002. Editor: Paulo Bertran. Goiânia: Agepel, 2005. 299p.

LIMA, Beth, LIMA, Valfrido. Em nome do autor: artistas artesãos do Brasil. São Paulo: Proposta Editorial, 2008. 456p.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

- Entrevista de João Luiz Pompeu de Pina realizada em 13 de agosto de 2008.
- Entrevista de Lúcio Flávio Abrantes realizada em 01 de agosto de 2008.
- Entrevista de Maria de Lourdes Oliveira Leite realizada em 30 de julho de 2008.

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Anexo GO-01-00-08-F01-A2

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Não há

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Flores de papel.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**GO 01 00 08 F60 01****17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA**

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	João Luiz Pompeu de Pina em 13 de agosto de 2008, Lúcio Flávio Abrantes, em 1º de agosto de 2008, Maria de Lourdes Oliveira Leite em 30 de julho de 2008.		
PESQUISADOR(ES)	Tereza Caroline Lôbo e João Guilherme da T. Curado		
SUPERVISOR	Marina de Macedo Soares		
REDATOR	Tereza Caroline Lôbo e João Guilherme da T. Curado	DATA 22/11/2008	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Marina de Macedo Soares		